



JUDITE FERNANDES

Abraçando o lastro

Para Laura e Luca, sementes do futuro com promessas

De onde vêm estas palavras

*não nasce nem mais uma palavra
embora ainda remexa a terra
embora ainda salive o lastro
embora navegue o fogo na serra
rodando apertado pelo tronco do mastro*

*tranquilamente na tua inquietude
abriste as minúsculas portas deste mundo imenso
deixaste as palavras entrar
e comeste-as.*

Some days

*if words, damn words
played their roles as silent leafs
and made laughter warm whispers
around our necks*

*we would
and would not
be happy
some days*

Segredo

*se não fosse
parecer sempre qualquer coisa
eu até ia a mim
sem pensar*

*às vezes
sinto que me soltaram na vida
que os pássaros voam apenas porque têm asas
que tudo é acaso na maioria das coisas*

*todos os dias esta vida nas mãos
tão intensamente que voa*

*tenho dela uma necessidade absoluta
transgressora aterradora
mas falta-me a visão dos pássaros*

*presa pelos dentes à vida
procuro sonhos vazios
partidos ao meio*

são meus

com urgência

*quero sonhos plantados no céu
quero pássaros a fechar a porta do universo*

*não a onnipresença de mim própria
na minha própria vida própria
mas a alegre intrusa
de uma outra vida qualquer
capaz de tudo
da sua própria liberdade imprópria*

*a menina dança em paz
a menina dança em fúria*

Água de estorvo

*não posso pedir perdão pela intensidade
nem por existir*

*na doce clausura da casa
meu corpo de mulher
apocalíptico e maternal
tão intelectual como um réptil
divide-se e funde-se*

*todos os dias à mesma hora
arruma os pedaços desconexos dos sexos*

*todo este corpo
todo este corpo me pertence*

*sou poligâmica de corpo e espírito
e meu coração não é um só
mas muitos*

*acredito também na teia
de bebedores de chá
da vida reprimida mas não canto*

*sonho em silêncio
e por vezes absorvo
essa linguagem de estorvo
com tantas vírgulas
entre os pontos e as vidas frívolas*

*que me entram pela casa
sem me perguntar,*

*oh ar!
do mar que me enlouqueces
levas-me atrás
das vozes que se ouvem
sempre mudas
nas surdas passagens das ondas no cais*

*aos milhares os pássaros gritam
esticam o fio das patas
para esquecer a loucura
da sombra branca da bruma*

minha parede é o atlântico

Poema pequenino

amei cada dia
do meu jeito
sempre a perguntar
se amar é perfeito
ou se o defeito
está em mim

Menina

ela imagina como um lírio
suas mãos quentes de pássaro

seu coração desabrocha
dourado entre as árvores
come
o tempo que anda pasmado à sua espera

ela

no silêncio absoluto da água
permanece sem som

s/titulo

*corpos estendidos na relva arfando devagar
não falam nem escutam o ar rosa subindo pela tarde*

*sou tua com a mesma mão
que empresto ao mundo
esse círculo encontrado no escuro
das palmas das mãos arrastando pelo corpo
todo o ser que temos pousado em nada*

*quando me olhas com teus olhos púrpura
rompes as paredes que habitam este corpo quente
pois há no amor penas contornando os cristais de jasmim
com o tacto das cores brancas*

não tenho as mãos nas preces onde resplandeces

*no meu lado de dentro
vivem a paz e a fome
pois a ânsia é sempre o alimento
dos marinheiros naufragados*

*sei que oportunamente a oportunidade
está aqui
nestes dedos neste corpo nesta voz
em todo este pensamento que hoje respira
em todo este prazer que hoje respira
chega e parte
chega e parte*

*estou aqui
finalmente estou aqui
cheguei ao mundo
onde sempre morei a meia haste
está limpo nu completamente aberto
mesmo que ainda não veja
toda a brecha da luz ondulada do universo
como-a como se fosse minha
a nua vida do meu estômago
está aqui
não vou
não vou andar atrás dos ossos
não vou chorar pela eterna lua cheia
não vou pensar no que fui
nem no que sou
apenas
apenas respirar a trégua do mundo que parte
onde começa*

É tudo espaço em volta

sei que vais nascer
no ventre dos pássaros que agora adormecem
nessas asas que arrefecem
podes respirar teu corpo que corre
pela tua vida como um furacão
parado nas raízes incompletas
das infâncias inacabadas

é tudo espaço em volta
é tudo espaço em volta de ti

À volta mil braços

à volta mil braços
te apertam até partir os ossos
é apenas o calor humano que sentes
mil dias entre estes olhos de pão
a tua mão
amigo
nunca se solta da minha
e mil léguas nos separam
mil dias se passaram
sem que te ouvisse.

tenho saudades de ti
faltas-me.

agrada-me estar viva
cada mil dias um pouco mais
passa-se um vento à minha volta
à volta da nossa revolta
apenas para viver em paz
se não nos afastarmos mil silêncios
não nos inquietarmos
da voz que temos
seremos
nós mesmos
a fazer amor
desse caminho apertado de nos vermos

os olhos
mesmo nos mil dias em que temos
a boca calada para a mais amada.
como te agradecer
esse teu viver
plano, que tanto oscila
que sempre aniquila
o medo de estar só
apenas me alimentando do pó
desses mil dias que tão depressa passaram
dessas léguas que dos sonhos nos separam
os braços

enquanto tu
me devolves aos dias ternos abraços

Este branco

este branco do teu corpo que se aproxima
são relâmpagos que se invertem enquanto existem
meu amor

na hora que parte teu corpo
é noite enluarada
já não consigo arrancá-lo do meio do meu
nem pegar-lhe fogo ainda

pois tu quando adormeces existes
tu
meu amor
comes as palavras
quando regas os cálices
tu
incendias o vinho
nas tuas visitas ao meu corpo.

por trás o mundo

O mundo é um animal

*o mundo é um animal
no centro do núcleo
bate um coração esfaimado*

*nem tudo é vaidade na mole humana
ou só desgosto ou só prazer
nos corre no sangue
tão só medo habita os lugares vagos*

*o pó pousa ao acaso
o pó pousa ao acaso*

*e há dias que ficam por ali à volta
e há dias quietos como as árvores*

*e há lugares mais duros que esses
onde temos medo das palavras simples*

Onde

milhões de páginas voam loucas
no estendal das molas insuportáveis
onde penduramos os seres humanos que comem
o sol de pele da fome

pousa no chão o prato como a raposa fez à cegonha.
agora come!
talvez por isso gostes de ir por aí
andando
podes ser outro
gostas de estar vivo
empolga-te
um pormenor qualquer
uma cor
e passas-te,
os lugares humanos transtornam-te
veio-te a raiva
como já noutros tantos dias
e noutros dias não
por isso prossegues

empolgado
desumanicado
multicovoraz

Devagar

espaço puro cospe
hera a partir dos cabelos
dos braços
das coxas

sobe devagar
devagar
devagar

ainda mexes as pernas
e a cabeça ferve

que fazes?

esperas?

ou sabes que amanhã
já a humidade te terá penetrado a cabeça?

Penumbra aos gritos

*disseram-te pequenino
para andar sempre de véu
nas ocasiões todas
que o véu te protegeria
do olhar dos outros
teus vizinhos
nunca irmãos
pois o sangue sabe
o que só o sangue sabe
mais ninguém*

*mas não te disseram
da solidão da casa vazia
do teu corpo
mistério triste*

*chove
lá fora chove*

*nesse momento
tudo se veste da invisibilidade completa
e os cães uivam em coro
os malditos
a libertação das mulheres*

*toda aquela gente à volta na noite
a oferecer as palavras ao teu silêncio*

Os outros

*o homem dançava sozinho na rua
com o rapaz que molhava os pés no mar
e o outro agarrado ao cartão da raspadinha*

a mesma esperança

o mesmo vidro embaciado

Que é isso de viver?

acordar manter
rasgar, podia dizer
nada saber, escrever
ser o que não se parece
acordar tarde demais
rezar uma prece
ser vulgar
amar
comer
foder
encantar a tarde à noite
saber que não se é ninguém
mas os outros, a foice
a mãe, a água
lavando a mágoa
confundindo a mente
o corpo quente
a morte. viver também é morrer
não comer – deter
na mão o mundo, no braço
apenas o abraço.

vive-se vadiando
comprando
corrompendo o gato, o prato,
atraindo o rato
para a ratoeira

podes também comprar a vida
à prostituta
com o dedo, fazer-lhe medo
chamar-lhe puta
e que puta de vida esta dança
viver todos os dias cansa
amansa, aumenta a pança
ela cai
não solta um ai
não grita pelo pai
não tem cor
não tem cheiro
não é dinheiro
nem livreiro

não é nada

não se vê na estrada
nem na namorada
não acaba
não começa
não é uma peça
é o tecido
o olvido
e uma noz de cola
no nariz do adolescente que pede esmola

Personalidades

*estive agora mesmo em budapeste
uma cidade plana
cortada a meio por um rio
e por uma mulher em desequilíbrio*

*no ponto mais alto
no ponto mais alto,
onde as nuvens passam
falavam húngaro. mistério.
não falavam na dor, na guerra e na podridão
de um século*

submergiam, apenas

*acerca dos ingleses falarem alto
e não chorarem à mesa
é justo, embora parlamentar
o seu bigode e a hora do chá
são os dedos dos artistas
da prudência emocional
vitorianos de dedos espetados
aos hooligans
aos socos com a própria sombra
sentados nos telhados
sem protecção
contra as garrafas de água*

*não sei como pensar a terra cheia de água
se a mágoa
enche e submerge a ilha
não sei como pensar a violência
se a ciência
exacta, social, coloquial
não transgride
e se perpetua
nos novos velhos movimento de expansão*

Sinceros fragmentos circulam entre as árvores

não recuperavam meu dedo lento
nessa longa manhã
das bases de dados de vento
algum byte universal
providencial
que me batesse nos cornos
me explicasse esses mornos desvios
incendiários
afagando com mais um clique
clique
na psique
o dedo que bate, bate, só plana
as mãos pelo teclado
cansado. quando?
sinceramente, estou na corrida
nem sofro nem sei ao certo
se este descontrole amorfo de gigas
tem textura perdura
ou tira da mira
a vida global comercial
onde superficialmente nadamos
entre o lixo abissal que gastamos

falemos de coisas
desses materiais tão naturais
e pasmemos

o ocidental
bebeu na fonte comeu-a
cuspiu e nem um piu
se escutou
mas nenhuma boca se calou
de ocupar o seu lugar
com mil anos de garantia
na longa conversa interminável
da humanidade

silêncio nada diz
silêncio em toda a parte vocifera
à espera
à espera
de emergir subtilmente
brevemente
no lixo do tempo

O meu cão

*o capital simbólico
de uma equipa de futebol
num autocarro, ao mais alto nível*

*o meu cão queria ser pássaro
passava horas fixo no céu
ao lado da roupa de verão*

*alguns árabes
acham que algumas árabes
têm de usar burka. uma turca
disse vai à merda
à França porque lhe foi tirado
um véu antigo que tinha
caído de um funcionário da onu.
és mesmo tu?
de volta à publicidade
como sinal de amizade
explode outra bomba ali
enquanto num quarto abandonado
me lembro de ti
devagar, por uma autoestrada
atravessada por uma raposa inanimada
mesmo ao lado do chiar de pneus
de deus. não é justo sempre
que em frente de uma árvore*

*ao mais alto nível
ao mais alto nível
ao mais alto nível*

*alguém te alerte novamente
para os mortos lá na frente
enquanto dormes
justamente quando te sabia tão bem
a displicência da inocência*

e nada estava como se sonhava

*a gente empurrando as nuvens com os braços
à espera
que a névoa se dissipe
com um simples raio de sol
e que o medo esteja apenas
guardado nas costas das pessoas*

Manifesto

*estereótipos machistas preconceitos
por todos os lados
cercam as pontes
barricam as avenidas
em todas as casas
mil estereótipos
em guerra em guerra
em guerra ponto
pausa
paz
entre os casais
o mesmo sorriso nervoso das plantas
encapuçados
as encapuçadas
prosseguem atentas
ao mínimo desvio
da ordem estabelecida
e comem os estereótipos
enquanto prosseguem
os mesmos caminhos
dos preconceitos anteriores
com as mesmas grillhetas ao peito
sempre em transformação*

Puzzle

*Esquerda direita
Entrar sair
Agarrar deixar cair
Xadrez pastel de bacalhau
Ombro batata
Música aristocrata
Nenhuma outra barata
Decide por nós.*

Verão lusitano

*foi hoje deslocada uma população
cantando num incêndio ao fim da tarde*

*na hora mais plana
o mistral pela superfície
dançando alegremente
incendeia o meu país*

trágica criança

*mamas no peito dos outros
este nosso amor luso
quieto
enterrado na lama quente
a aguardar a vida*

apenas o início

põe um ponto a um longo parágrafo

Hino

*na tasca ouve-se a missa
hossana
a televisão toma conta
das tascas
dos cafés
dos restaurantes
dos hotéis
dos bares*

*em todo o lado
a mesma música ensurdecedora*

*a televisão invade a lua
e filas de carros
entopem o acesso
ao grande ecrã lunar
numa parede
pequenas ranhuras
permitem depor os donativos
por uma salvação
e um lugar no céu
nesta construção constante do amor recíproco
onde impera um modo particular do caos
que contamina*

*em todo o lado
a mesma música transitória
em todo o lado
a mesma história fabricada*

*o maior vírus do século
vende-se em caixas
está acessível a
maiores
menores
e recomenda-se*

*como deve ser
como deves ser
como podes ser*

enquanto brilha pausadamente

*em breve invadirá
as praias as florestas
as selvas virgens
o fundo do mar
e será a primeira a invadir as cidades naufragadas
com o mesmo sorriso rasgado
daquele apresentador
actor e maestro
que chegou hoje mesmo à lua
não perca!
notícia de última hora!
cá estaremos nós*

*mais uma vez convosco
às oito pontualmente
não se apoquentem
a realidade estará no mesmo prato
bem preparado
que todos os dias
fazemos questão
em vos oferecer*

*os media
são a melhor enciclopédia
e a TV
tem tudo
deite fora a imaginação
(já não precisa dela)
ao lixo com o absurdo
o amor, a raiva, o estupor
a reacção
(complicados, já não são necessários)
finalmente
finalmente esqueça
envie para incineração
o seu corpo
afinal nem tinha as medidas certas*

fantástico!

(aplausos)

História curta

não gosto de políticos
não riem da mesma maneira
toda a naturalidade lentamente
foi desaparecendo da sua expressão
no trabalho
em casa
na televisão
a sua maior loucura
já a fez aos vinte e cinco anos
foi deixar crescer o cabelo
cinco centímetros além do normal

pronto

despachado

ficou a loucura gasta
e a história para contar aos netos

Interrupção

não tenho outra escolha
senão esperança infinita
no jardim humano
mesmo quando já cega embato
nos apologistas da vida
a clamar pela morte da consciência
tranquilos
esfregando os olhos na mentira torpe
da superioridade irmã caritativa
onde prometem
resolver o insolúvel mistério
que escolheram ignorar

e matam

e ouvem da morte
ao sul
pousados na mesma absoluta tranquilidade
do vídeo comando do tédio
onde passam a noite
com o corpo tapado
a arder no desejo do pecado

Agradecimento

*de dor de espuma
da contínua explosão incessante de graffitis na montanha
da ilusão viral que nos toma a vida
de um massacre de esplendor e luxo e ânsia
da solidão imensa e global tricotada em rede
de nada. Obrigada.*

Danielle

*chère danielle
porta-te mal
afinal
as pessoas estão tranquilas nas ruas
e as tuas mãos comovem.*

a fome mata o sonho?

*diz-me tu pastor
senhor das alvas madrugadas
para onde foi a floresta*

*a floresta
queria voltar para trás
para esse tempo onde estive
nas praças vazias
aspirando a primavera
sem ver nem ouvir nada
enquanto o vento passava
a navegar pelos cabelos*

*o que nos pedem
é apenas tirar os ossos das flores*

A enxurrada

o homem espera
à entrada do trabalho
que perdeu há anos
justamente
por deslocalização temporária
do seu corpo

todos os dias de pé à porta

teimosia de pedra
queimando os pés
dali não saem
dali não saem
todos os dias
à mesma hora
à mesma hora
chega a casa pelas costas
rouco na noite
da interminável fúria
do pensamento que dorme

não deixa nunca de tentar meter uma palavra entre a enxurrada

*Chegam até nós os moinhos sem velas que navegam o horizonte pelos lados.
Loucas são as vacas. Loucas são as vacas.*

por onde foste

Morning

slowly
the morning rises
from the long long night
birds push their feet
wipe it through the water
dropping songs over the fields
smoky for the rain

my love
open your eyes
awake from the long long sleep
take your hand infinite fingers
over the dreaming helmet
where you hold your life

always humid grass
on the deserted fields

enchant the night,
said the poet to oriane, sitting on his castle
and so she did
one night after the other
over a thousand enchanted nights

one night,

she didn't fly in front of the windows
it was clouded the night before
her flying was shivering
her wings seemed pale

enchant the night,
said oriane to the poet
shivering through the cold humid night.

he didn't answer
she went to meet the fish

all of us know about eternity and finitude.
all of us know about the burn of hate and love

todos nós temos a nossa mansa forma de sobrevivência.

Para sempre

onde estavas menina rebelde
quando casaste com o sonho
num domingo à tarde
impreparada
para a realidade
tropeçaste nas pedras
nos filhos da cal
cruzaste as primeiras linhas
de espinhas
as segundas fecundas
as últimas
já são últimas à muito tempo

até que um guindaste vem
e leva o dia
- este dia que já não volta -
e alguns minutos valeram a pena
quando não passaste
como quem passa de metro

Quando existes

não abras os olhos
estás e não estás aqui
ao fundo discutem a morte
sentados na televisão
não ouves
escutas os morangos frescos
de uma manhã súbita
que deixaste passar

permaneces inquieto acerca desses
pequenos litígios da humanidade
duvidas se queres continuar a viver
como sempre fizeste
aqueles dias em que nem o pé
querias fora da porta
também não acabaram
isso de criar raízes
também nunca te agradou
queres partir

quando todos estão para viver
que fazer contigo?

trabalhas
a tua mulher masturba-se na sala
sonhando viagens loucas
de liberdade em liberdade
tu também sonhas
ao fim da tarde
quando te deixas

a tua mulher
esqueceu-te por agora
não demores só mais um bocadinho
pode estar com demasiado sono
para te fazer um broche

amanhã o despertador vai tocar às sete

doce amor
colorido como a publicidade
esse que sentem as pessoas

Rosa

não basta
não basta fazer contas à vida
perde-se a música Rosa
perde-se a música
como me lembro quando eras
nenhuma noite suficiente
para os dedos enrolados na tua mão

mas se já não falamos só gritamos
para onde foste Rosa
ou na ponte que buscavas
só moram mentiras

fui só pedir uma vida emprestada
já volto
também me bate à porta
outro dia
como a ti

agora vai
parte em ti uma anémone
tens-me nos braços que empurras

Monólogos

(mais um pouco mais)
cinco mulheres masturbavam-se num quarto
(mais, conta-me mais)
nenhuma frente ao marido
e todas eram casadas
talvez mal amadas
(explica-me só uma coisa mais)
não, não eram homossexuais
(era isso, agora não me contes mais)
é uma simples história de amor das tais
onde silêncios sindicais
fecham as portas a cadeado
não recriam o linguado
(não consigo abrir a porta mais)
o amor de costas deitado
fechou a boca, selou o sexo,
colou o rabo lavado
ao cais
agora gozam
(vou desligar os ouvidos, não me ouves mais)
gritam. os barcos partem como animais
em fúria e elas excitam
seus sonhos mortais
esperando que um dia alguém ouça
os odores sexuais
(não falo contigo nunca mais)

Por onde foste

não nos demos conta dos gritos
ocupando a casa
nem dos momentos separados
da curva do silêncio
à porta
deixando entrar a brisa
um grito súbito limpa o silêncio e vibra
o mar absorve a tempestade à volta
entra pela janela
os vidros partidos esvoaçam
apagam a luz das velas
a casa escura,
nós invisíveis
gritando para as feridas

Caminhantes

vomito finalmente
as pás que me enfiaste no estômago
o sangue que me enfiaste pela boca
comendo
sem pensar nas lascas
que feriam os meus ombros
sem a gentileza mínima
de não me cortar os pulsos
nem me morder os pés
ou de me deixares de joelhos
a assistir ao espectáculo

ainda não tenho
no futuro
total confiança
ainda mora medo
no meu deserto
as rosas
que teimam em nascer
ainda não são de pedra
as nuvens
não garantem a chuva
necessária
à corrente da vida

sei
como há muito
que a alegria
depende de mim
e não de outro ser humano

mas a gente roça-se
e ama
e que faz depois
dos afectos que dependem?

Abraçando o lastro

ando pela casa à minha procura

vejo passar o desespero
vejo passar todos os carros
vejo se apagarem todas as luzes
se acabarem os cigarros
a cerveja morna
à tua espera

à espera das tuas mãos
abraçarem o meu corpo

naquele momento
onde era única
eu
a única pessoa viva
naquela cidade

não sei se ainda estou de pé
aqui sentada
com uns saltos
infindos
no coração

as pernas não andam
neste corpo intenso

morro mil vezes
incapaz de voar
quando este grito
não se ouve
quando o ar
não há pelas portas
e todas as cicatrizes
se rasgaram
agora mesmo
neste momento
simultâneo
que me impediu de respirar.

agora que estou nua
que nem pele
me alimenta
apenas ossos e memória
apenas ossos e solidão,
finalmente
grito sangue
que se derrama no papel.

Eu ardo.
Eu sei que ardo,
Mas não sei quem sou.